

Os desafios da evangelização e da promoção humana na cultura digital

The challenges of evangelization and human promotion in digital culture

*Eufrázio Luiz Morais da Silva
Luis Carlos Pereira Santos da Silva
Orivaldo Egídio da Silva*

Resumo

O Documento de Aparecida já ponderava sobre o fato de estarmos imersos numa verdadeira mudança de época. Semelhante condição fica bem explicitada, entre outros aspectos, pelas novas possibilidades derivadas da emergência da cultura digital. Não obstante, o Diretório para a Catequese adverte que a introdução e o uso dos instrumentos digitais de forma massiva causaram alterações profundas e complexas em muitos níveis com consequências culturais, sociais e psicológicas. Nesse sentido, a pesquisa se propõe a oferecer algumas reflexões quanto aos desafios da inculturação no contexto da cibercultura, destacando sobre o aspecto da promoção integral do ser humano como um fator irrenunciável para os caminhos da evangelização. Nela, buscamos refletir, no próprio âmbito do continente digital, acerca do processo de evangelização da Igreja comprometido com a pessoa, mensagem e opções de Jesus que sempre procurou resgatar a dignidade da pessoa humana e reintegrá-la à comunhão com Deus, com o próximo, consigo mesma e com a criação. Desse modo, o nosso trabalho pretende expor alguns traços característicos da cultura digital, indicar alguns desafios da evangelização nessa cultura e finalmente sustentar que na promoção humana reside um elemento fundamental da evangelização de nossos tempos.

Palavras-chaves: Evangelização. Cultura digital. Promoção humana.

Abstract

The Document of Aparecida already considered the fact that we are immersed in a real change of times. A similar condition is clearly explained, among other aspects, by the new possibilities derived from the emergence of digital culture. However, the Directory for Catechesis warns that the massive introduction and use of digital instruments has caused profound and complex changes at many levels with cultural, social and

psychological consequences. In this sense, the search proposes to offer some reflections on the challenges of inculturation in the context of cyberculture, highlighting the aspect of the integral promotion of the human being as an essential factor for the paths of evangelization. In it, we seek to reflect, within the scope of the digital continent, on the process of evangelization of the Church committed to the person, message and options of Jesus who always sought to rescue the dignity of the human person and reintegrate him into communion with God, with his neighbor, with herself and with creation. In this way, our work intends to expose some characteristic traits of the digital culture, indicate some challenges of evangelization in this culture and finally sustain that in human promotion resides a fundamental element of the evangelization of our times.

Keywords: Evangelization. Digital Culture. Human promotion.

Introdução

Um fato extraordinário tem acompanhado os passos da humanidade desde o seu ingresso na época moderna. É incontestável que homens e mulheres conseguiram empreender um ritmo de progresso nas mais diferentes áreas e seguimentos, em níveis jamais pensados ao largo de toda sua história sobre o planeta. Favorecida, entre outros movimentos, pelos pressupostos humanistas, tal engenharia, que se arrogava antropocêntrica, robusteceu-se pelas amplas possibilidades de seus novos e impressionantes mecanismos. Fabricados com nova velocidade a partir da revolução industrial, foi ressignificada e trouxe marcas profundas para os homens e as mulheres de nossa civilização que cresceu, evoluiu e se viu capaz de criar um verdadeiro e novo mundo para si.

Definitivamente, o contexto em que estamos inseridos constitui-se como uma fase histórica totalmente nova. Sobre essa condição, de modo retumbante, o Documento de Aparecida já sinalizava para os traços delineadores do período atual: “vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural”¹ que, aliás, se impõe como algo para o qual ainda não estamos totalmente preparados. Os paradigmas sobre os quais estava edificada a cultura ocidental (e que, em certo sentido, ajudaram construir sua concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus) foram relativizados e submetidos a um contínuo processo de desconstrução. Nunca, como agora, se procurou experimentar tão vivo o sentido de liberdade. Não temos notícia de um outro momento em que se tenham desenvolvidas, tão intensamente, as possibilidades da comunicação, das relações interpessoais e do intercâmbio das ideias. E, finalmente, jamais se viu tamanho vigor nos discursos e iniciativas direcionados para um melhor aprimoramento da ordem temporal. Nas palavras dos padres conciliares, recolhidas na *Gaudium et spes*, “nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico”.²

Assim, efetivamente, a humanidade cresceu, evoluiu, mas nem por isso se tornou

¹ DAp 44.

² GS 4.

mais humana, ao contrário, o que verificamos é que se deixou “a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade, da família, das enfermidades e da morte”.³ Mais recentemente, a ampla consideração de parte significativa dessas perspectivas está íntimamente conectada com as novas possibilidades derivadas da emergência da cultura digital. Inclusive, conforme adverte o Diretório para a Catequese, cuja terceira edição foi publicada recentemente pelo Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização,⁴ “a introdução e o uso dos instrumentos digitais de forma massiva causou alterações profundas e complexas a muitos níveis com consequências culturais, sociais e psicológicas ainda não totalmente evidentes”.⁵

Nesse sentido, o nosso artigo propõe a tarefa de procurar oferecer, sem o interesse de esgotar o assunto, algumas reflexões sobre os caminhos que a evangelização necessita percorrer não somente se conformar com uma condição seletiva, que se estabelece e estrutura como se fosse uma pastoral a mais. No entanto, se perpetua e se impõe socialmente sem admitir a originalidade do evangelho ou, ainda, como se o evangelho não existisse ou desejasse enfrentar o desafio da inculturação no continente digital. Nesse desafio, em especial, pretendemos indicar, no contexto da cibercultura, o aspecto da promoção humana que se constitui como um fator irrenunciável.

Por essa razão, as sessões do trabalho foram distribuídas de modo a sinalizarem os traços característicos da cultura digital (segunda sessão) e os desafios da evangelização nessa cultura (terceira sessão), que, para nós, encontram na promoção integral do ser humano o seu elemento fundamental (quarta sessão). Esperamos, pois, conseguir demonstrar que, se em nosso horizonte existe o desejo de manifestar ao mundo que a Igreja procura se manter intimamente unida à humanidade, nesse caso, tal desejo deve espelhar-se na pessoa, mensagem e opções de Jesus; e ele “em todos os momentos em que estavam em questão uma necessidade humana fundamental, não tolerava qualquer ameaça à vida, à saúde, à fome, ao respeito ao pecador e ao amor ao povo”.⁶ Conforme declara o DAp. 11, “Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários”.

1. Características gerais da cultura digital

Por cultura digital compreendemos não somente aquela recente e inevitável presença e interação experimentada pelos meios tecnológicos, em torno do qual se articulam quase que a totalidade das relações contemporâneas, mas a já habitual e

³ DAp 44.

⁴ A primeira edição foi aprovada em 18 de março de 1971 como *Diretório Catequético Geral*, redigido, naquela ocasião, publicada pela Congregação para o Clero. Por conseguinte, em 15 de agosto de 1997, com aprovação de São João Paulo II, foi publicado o *Diretório Geral para a Catequese*. Vinte e três anos depois, num mundo em constante transformação, sobretudo pela era digital, em 23 de março de 2020, o Papa Francisco aprovou a publicação do novo *Diretório para a Catequese* na qual representa uma renovada dinâmica que a catequese está realizando.

⁵ DC 359.

⁶ LIBANIO, J. B., *Sempre Jesus*, p. 103.

sedimentada nova modalidade de autocompreensão antropológica, típica da passagem para o século XXI. Esse movimento inaugurou, em escala global, princípios heurísticos “da noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros”,⁷ enfim, alterou profundamente o modo como nos relacionamos com a realidade, em todos os seus aspectos, e encontra na pré-condição do acoplamento humano-máquina, isto é, da tecnologia digital como extensão do indivíduo, o seu núcleo fundamental.

Poderíamos, então, nos questionar sobre quais elementos se podem perceber nesse novo ambiente, ou melhor, até nessa nova modalidade cultural – a cultura digital – e que se poderiam enumerar como traços característicos do tempo atual e que, de certa maneira, tendem a impactar diretamente o futuro da humanidade. O fato é que, juntamente com a cultura digital que se impõe como uma nova cultura, têm ocorrido alterações desde suas bases na linguagem e na mentalidade, bem como na hierarquia de valores que antes era considerada hegemônica. Na presente seção, pretendemos, ainda que brevemente, acenar para alguns fenômenos típicos da cultura digital, dentre os quais destacamos o seu nexos essencial com a globalização, o reconhecido favorecimento da ampliação e alargamento das capacidades cognitivas humanas e sua pretensa amplificação das possibilidades de expressão pessoal e das novas modalidades de expressão de cidadania, considerando os seus aspectos positivos.

Ademais, queremos indicar alguns elementos para os quais se deve manter significativa atenção, na medida em que colaboram com a assunção e promoção de condições pouco aproveitáveis – e que se deveriam até combater – para a humanidade e as novas gerações. Nesse ponto, pretendemos nos referir, especialmente, a dificuldade – por conta de certa tendência ao individualismo egoísta – do desenvolvimento de autênticas relações interpessoais, da supremacia dos interesses econômicos, de consumos e das práticas mercadológicas em detrimento da genuína compreensão da dignidade humana. Do mesmo modo, salientamos a questão dos muitos fundamentalismos originados nessas épocas e que têm sido causa de grandes perigos, tais como a desinformação, a exacerbação de uma ótica de intolerância, do tipo que opõe e exclui o diferente e que, no final das contas, se mostra contrária à vida. Nesse sentido, um dos traços mais evidentes da cultura digital que inicialmente queremos evidenciar é sua vocação à universalidade.

P. Lévy, em sua obra intitulada “cibercultura”, ao abordar sobre a universalidade da cultura digital, contextualizando-a dentro de novos dilúvios, compara a cibercultura com a arca de Noé. Ele denomina-a como “várias arcas” pelas quais cada um de nós, através da escotilha de sua própria arca, vê outras arcas, a perder de vista, no oceano agitado da comunicação digital. Dessa forma, comparando a cibercultura à várias arcas, cada uma delas possui uma seleção diferente, cada uma quer preservar a diversidade e todas querem transmitir alguma comunicação. Contudo, não se pode ignorar que todas essas arcas estão permanentemente à deriva na superfície das águas. Uma das principais hipóteses do referido autor é que a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal.⁸

⁷ DC 359.

⁸ LÉVY, P., *Cibercultura*, p.20.

Como bem precisamente indica o novo Diretório para a Catequese, por exemplo, o alcance da cultura digital pode ser verificado de maneira global. A cultura digital “envolve as pessoas em todo o planeta”, uma vez que foram “anuladas as distâncias geográficas com a presença generalizada dos dispositivos ligados em rede”.⁹ Essa deve ser considerada uma condição de tal maneira fundamental no contexto da cultura digital que, para Gripp e Moraes, por exemplo, nós “vivemos numa metrópole global”,¹⁰ onde todos, supostamente, podem encontrar incontáveis e potencializadas maneiras de estabelecerem suas relações interpessoais. Nesse ambiente, tudo tende “a se transformar numa rede, com um sistema hierárquico horizontal e de livre expressão”.¹¹ Definitivamente, como grandes lugares de exposição das características da cultura digital, “a internet e as redes sociais criam uma oportunidade extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação e ao saber”.¹²

O segundo elemento que desejamos destacar é o reconhecido favorecimento da ampliação e alargamento das capacidades cognitivas humanas. Nunca se produziu, acumulou e se associou, em tão pouco tempo, tamanha quantidade de informações e se alcançou a detenção de tanto conhecimento. Os motores de busca e os assistentes virtuais oferecem respostas instantâneas, quando provocados, e os processos que se movem a partir de inteligência artificial são capazes de fornecerem conexões numa lógica e velocidade absolutamente fenomenais. Efetivamente, “a recolha digital de dados e os instrumentos de apoio às decisões melhoram a capacidade de escolha e consentem que se recolha mais dados para verificar as implicações sobre diversas problemáticas”,¹³ de tal modo que, de fato, se pode falar, “positivamente de uma potenciação digital”.¹⁴ Ora, se tornou um símbolo exemplar dessa nova condição cognitiva, por exemplo, a empreitada realizada para o desenvolvimento de uma vacina contra o novo *Corona vírus*.¹⁵ Aliás, a pesquisa científica em grande parte do que tem se especializado, certamente, é devedora dos benefícios da cultura digital.

Também podemos considerar numa perspectiva bastante positiva o fato de a cultura digital oferecer uma pretensa amplificação das possibilidades de expressão pessoal e novas modalidades de expressão de cidadania. Isso fica bem evidenciado quando compreendemos que o mundo digital se foi construindo sob a égide “da participação sociopolítica e da cidadania ativa”.¹⁶ Quando, antes, se poderia pensar que qualquer indivíduo poderia incorporar como suas a faculdade de promoção e divulgação de informações, a oportunidade de denúncia de problemas e da proposição de opiniões na escala em que a internet hoje possibilita? Aliás, o fenômeno do protagonismo e da interatividade é de alcance geral. Não há barreiras para quem decide-se por se manifestar. Não existem impeditivos de qualquer ordem – geográfico, espacial ou temporal – para

⁹ DC 359.

¹⁰ MORAES, A.; GRIPP, A., Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital, p.145.

¹¹ MORAES, A.; GRIPP, A., Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital, p.150.

¹² DC 360.

¹³ DC 360.

¹⁴ DC 360.

¹⁵ Ver, por exemplo, artigo publicado na versão digital de: O GLOBO., Como a tecnologia digital pode ajudar no combate ao coronavírus.

¹⁶ DC 360.

quem se imponha a tarefa de comunicar algo. A todos está disponível o amplo acesso à comunicação. Também, segundo a indicação de Gripp e Moraes, “Canevacci definiu essa realidade como metrópole comunicacional”.¹⁷ Existem, evidentemente, muitos outros benefícios característicos da cultura digital. Entretanto, dada a natureza e os objetivos do presente trabalho, esses não terão sua abordagem efetuada nesse momento. Nesse sentido, também, agora, passaremos à tentativa de uma breve descrição daqueles que consideramos pontos de atenção na cultura digital, por conta de um destaque negativo.

O primeiro aspecto negativo sobre o qual necessitamos refletir e que, de certa maneira, caracteriza a cultura moderna e, de modo exponencial, foi largamente dilatado pela cultura digital, é a flagrante dificuldade do desenvolvimento de autênticas relações interpessoais. Muitas são as interferências, ou para melhor significar nossa intenção, muitos são interesses que orientam indevidamente os pontos de contato entre as pessoas e instituições na cultura digital. Conforme argumenta Moraes, “de fato, há muitas iniciativas na metrópole comunicacional marcadas pela autorreferencialidade, publicidade, rivalidade, proselitismo, fundamentalismo e até mesmo ódio”¹⁸ nas relações construídas. Ainda, nessa mesma perspectiva, também precisamos estar alertas para o fato de que, devido ao processo de algoritmização da realidade, “muitas plataformas favorecem frequentemente o encontro entre pessoas com as mesmas ideias, dificultando o confronto entre as diferenças”.¹⁹

Aliado a esse aspecto que se pode considerar deveras negativo da cultura digital, temos outro aspecto ruim, tão nocivo quanto o primeiro, que se traduz pela supremacia dos interesses econômicos, de consumos e das práticas mercadológicas em detrimento da genuína compreensão da dignidade humana. E esse trata-se, antes de mais nada, de um problema bastante grave e muito abrangente. Aqui, o que está em jogo é “o conjunto todo de relações tal como tem sido desenvolvidas no mundo moderno ocidental. É a visão fundamental que norteia essas relações que está em questão. Elementos culturais, filosóficos, científicos e certamente também religiosos estão implicados nessa visão”.²⁰ Nesse contexto, por um lado, ao se deixar de estabelecer autênticas relações interpessoais, deixa-se também de reconhecer o absoluto e irrenunciável valor da dignidade humana. Tudo passa a ser direcionado de forma pragmática, segundo a capacidade de consumo dos indivíduos e das necessidades do mercado. Por outro lado, corre-se, então, o grave e terrível risco de tornar o ambiente digital um mundo de muitos circuitos fechados, onde se facilita a divulgação de informações e notícias falsas, se fomenta preconceitos e ódio; eles se tornam ambientes de uma progressiva desumanização e fechamento em notórias estruturas de falência humana.

Sai de cena o genuíno antropocentrismo e, como alerta o Papa Francisco, o que se verifica é a crescente “deterioração da qualidade de vida humana e a degradação social”.²¹ Propagandeia-se como irrenunciável a força do capital, mas assiste-se, na verdade, a “uma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social”.²² Veicula-se, como

¹⁷ MORAES, A.; GRIPP, A., Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital, p.150.

¹⁸ MORAES, A., Catequese em uma cultura marcada pelo digital, p. 97.

¹⁹ DC 361.

²⁰ GARCIA RUBIO, A., Unidade na pluralidade. p. 534.

²¹ LS 43.

²² LS 46.

sinais de progresso, a superlativa possibilidade de acesso a pessoas e à informação, mas, ao contrário, o que se impõem são dinâmicas que, nem sempre, “favorecem o desenvolvimento de uma capacidade de viver com sabedoria, pensar em profundidade, amar com generosidade”.²³ Atônitos, assistimos à alienação de nós mesmos e, inertes, protagonizamos a nossa própria desumanização.

Finalmente, conforme a nossa proposta para esta seção, queremos ter ainda diante de nós a questão dos muitos fundamentalismos nascidos na cultura digital. Estes, aliás, têm sido causa de grandes perigos, entre os quais, a desinformação e a exacerbação de uma ótica que segue a lógica da oposição e da exclusão. Ao que parece, o mundo digital tem levado a considerarmos a promessa de emancipação e liberdade, forjada pelos primeiros racionalistas, empiristas e iluministas, aos limites da absolutização de um individualismo, por mais que ela tenha posto de lado as diferenças culturais pela globalização. Ocorre de maneira simultânea a esse processo moderno de afirmação das identidades plurais, um fato que tem marcado negativamente a cultura digital: é a emergência de movimentos de contestação da pluralidade identitária. Nessa condição, é possível verificar, nos mais diferentes espectros sociais, o surgimento de novas posições fundamentalistas, cuja escalada tem afligido a humanidade de inúmeras maneiras. Raramente derivam de experiências fundamentalistas (especialmente, aquelas com segmentação religiosa) o recrudescimento dos níveis de pobreza, o surgimento de guerras e conflitos em diferentes partes do mundo, o problema da corrida às armas, das injustiças sociais, da corrupção, das desigualdades, da degradação moral, do terrorismo, da discriminação, do extremismo e de muitas e outras graves crises. Ao que tudo indica, precisamos reconhecer que os fundamentalismos contemporâneos são também frutos da cultura digital.

Mas, apesar do aparente pessimismo, este, no entanto, não é um processo irreversível. E, talvez, ainda seja possível mudar esta rota. Nesse sentido, a partir de agora, tentaremos apontar alguns caminhos, pela via da evangelização e, especialmente, da promoção humana, que, de alguma maneira, podem se constituir como luzeiros frente às dificuldades que essa nova cultura oferece. Também aqui nos ajuda o Papa Francisco, quando sinaliza que “é preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença”.²⁴

Evidentemente que “não se trata apenas de fazer algumas ações boas, mas de procurar uma mudança social (...), o restabelecimento de sistemas sociais e econômicos justos”,²⁵ trata-se, enfim, do estabelecimento de uma verdadeira “cultura ecológica (...), de um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático”²⁶ e que estabelecem e mantêm algumas dinâmicas terríveis no coração da cultura digital. Sobre isso, “um grande desafio é propor comunicações autênticas” e como salienta Moraes: “comunicações que são capazes de se opor à ganância econômica, que

²³ LS 47.

²⁴ LS 52.

²⁵ GE 99.

²⁶ LS 111.

não se perdem diante do poder da fama, que não concordam com a exploração e o abuso das pessoas, que não são corrompidas em favor de concessões políticas, que denunciam a corrupção e a idolatria”.²⁷

2. Os desafios da evangelização no contexto da cultura digital

Diante de um tempo, cuja história está marcada pela cultura digital, não podemos desconhecer nem ignorar os impactos que tal cultura incide diretamente na Evangelização. Esta, por sua vez, apresenta os desafios que “os “processos de midiaticização” potencializam com a difusão das tecnologias digitais, em especial, aquelas que estão ligadas à internet, uma vez que seus mecanismos possibilitaram que as práticas e relações sociais passassem a ser mediadas por protocolos que se apoiam nas lógicas midiáticas e mercadológicas”.²⁸ Afinal, com o advento da rede mundial de computadores, a sociedade sofreu grandes transformações em suas relações, moldando um novo *bios*, um novo *ethos*, gerando, portanto, um novo sujeito²⁹ que, na evangelização, exerce um forte protagonismo.

Esse mesmo tema, de grande relevância para a Igreja, é abordado na terceira edição do Diretório para a Catequese. Nesse documento vemos a legítima preocupação da Igreja a fim de que evangelização não perca de vista as transformações que ocorrem no mundo, *locus* da economia salvífica; e o homem, protagonista das ações de Deus na história. O Diretório para a Catequese mostra que a Igreja, ao refletir sobre a cultura digital, percebe que tal cultura exerce no mundo contemporâneo uma influência tão forte que *o digital* se tornou, em pouco espaço de tempo, ordinário, contínuo e natural.

O digital, que não corresponde somente a presença de meios tecnológicos, de fato caracteriza o mundo contemporâneo e sua influência tornou-se, em pouco tempo, ordinária e contínua, a ponto de ser percebida como natural.³⁰

Do mesmo modo, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, o Papa Francisco dirigindo-se a todo o povo de Deus, tendo os jovens como destinatário principal, aponta esse público como o alvo principal do consumo tecnológico. Além disso, no mesmo documento citado, observamos de forma muito enfática o tema sobre o *digital* e as suas consequências naturais na vida do ser humano e nas suas relações.

Já não se trata apenas de 'usar' instrumentos de comunicação, mas de viver uma cultura amplamente digitalizada, que afeta de modo muito profundo a noção de tempo e espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, o modo de comunicar, de aprender, de informar-se, de entrar em relação com os outros. Uma maneira de aproximar-se da realidade que geralmente privilegia a imagem em relação à escuta e à leitura, afeta o modo de aprender e erro desenvolvimento do sentido crítico.³¹

²⁷ MORAES, A., Catequese em uma cultura marcada pelo digital, p. 97.

²⁸ MORAES, A.; GRIPP, A., Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital, p.146.

²⁹ MORAES, A.; GRIPP, A., Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital, p.147.

³⁰ DC 359

³¹ ChV 86

Ainda que tenhamos muitos elementos positivos no mundo digital capazes de criar laços a partir da web e das redes sociais constituindo uma oportunidade muito grande para o diálogo, deve-se reconhecer, também, como um ambiente cujas lacunas são, na verdade, uma realidade que não pode ser ignorada. Assim, vemos que esses espaços vão se tornando um território de solidão, manipulação e violência, até chegar à situação mais extrema ilustrada pela *darkweb* promovendo risco de dependência, isolamento e perda progressiva do contato com a realidade na qual vivemos, corroborando para que a multiplicação de dificuldades no desenvolvimento das relações interpessoais seja autênticas³² na construção do ser humano integral.

O Diretório para a Catequese cita o *cyberbullying* como outro elemento que contribui para que a espiral de violência cresça de forma pungente, ferindo e destruindo a dignidade das pessoas. Além disso, reafirma a presença constante de canais para divulgação de pornografia e exploração das pessoas, seja para fins sexuais, seja para a realização de jogos de azar.³³ Contudo, a evangelização não deixará de sofrer os seus impactos para reforçar esses elementos que ajudam no crescimento de lacunas impedindo o desenvolvimento das relações saudáveis entre as pessoas, pois, a partir do seu arcabouço teológico-antropológico, também contribui para que os seus desafios sejam superados com paciência.

Ora, compreendendo que a evangelização faz parte da natureza da Igreja, ouvindo o imperativo de Cristo, seu Esposo, que lhe diz: “Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15), ela não deixará de continuar a missão que lhe foi dada. Embora saiba que os desafios se multiplicam, sobretudo numa época em que “a proliferação de *fake news* é expressão de uma cultura que perdeu o sentido da verdade submetendo os fatos a interesses particulares”,³⁴ a Igreja não se vê como expectadora dos fatos atuais sem nada fazer. Ela, na sua missão profética, como uma voz que grita no deserto preparando os caminhos do Senhor e aplainando as suas veredas (Mc 1,3), manifesta-se como um verdadeiro advento por meio de seu testemunho mostrando a necessidade de que os homens e as mulheres do nosso tempo possam reencontrar o sentido da vida. O crescimento de pessoas diagnosticadas com ansiedade e depressão pode ser refletida também como resultado do excesso de informações que, sutilmente, vai se tornando um movimento ditatorial provocando um grande vazio interior. No público jovem, a cultura digital desenvolveu uma “realidade paralela ilusória que ignora a dignidade humana”³⁵ multiplicando o olhar míope sobre a sua sexualidade que o afeta diretamente, afastando-o, por sua vez, da sua participação efetiva tanto no seio familiar, como no palco do mundo.

A imersão no ‘mundo virtual’ propiciou uma espécie de ‘migração digital’, isto é, um distanciamento da família, dos valores culturais e religiosos, o que leva muitas vezes pessoas a um mundo de solidão e autoinversão, até sentir uma falta de raízes, embora fisicamente fique no mesmo lugar.³⁶

³² DC 361

³³ DC 361

³⁴ ChV 89

³⁵ ChV 90

³⁶ ChV 90

Os *nativos digitais*, tal como é conhecida a geração atual, segundo a visão da Igreja, são capazes de privilegiar a imagem em detrimento da escuta. O silêncio é, na verdade, para os *nativos digitais* uma espécie de desconhecido do seu ambiente natural, ou, quando o conhece, parece ser um inimigo que ameaça a sua comunicação com o mundo. O problema que resulta do movimento no qual os *nativos digitais* supervalorizam os relacionamentos on line e, neles, supervalorizam a imagem vai moldando uma geração incapaz de desenvolver seu pensamento crítico pelo excessivo consumo de conteúdo digital.³⁷ Tal conteúdo está baseado, muito notadamente, na quantidade daquilo que virtualmente é consumido em virtude do desprezo da qualidade do que o mundo digital pode oferecer. Ademais, diante desse fenômeno, a Igreja vê urgente a necessidade de uma educação midiática, sobretudo, para aqueles que se encontram, de certa forma, classificados como analfabetos digitais³⁸ a fim de que estes não sejam excluídos do anúncio querigmático-mistagógico.

O Documento para a Catequese deixa claro que a cultura digital desafia o processo de evangelização. A Igreja não pode ignorar o desenvolvimento tecnológico no âmbito das mídias digitais, que dá origem a uma cultura muitas vezes marcada pela exigência de respostas rápidas. Isso acentua cada vez mais a doença do nosso tempo: o imediatismo.³⁹ À luz do tempo presente, o Diretório assevera que a Igreja “reconhece, cada vez mais, que as *mídias sociais*, especialmente as de natureza digital, são de fato os principais agentes de socialização, quase chegando a substituir os tradicionais como a família, a Igreja, a escola”.⁴⁰ Contudo, a intersubjetividade parece estar muito presente nas redes sociais e menos presente nos espaços tradicionais implicando em uma leitura que compreende os limites do aprendizado que a era digital proporciona todos os dias. Essa limitação provoca, sobretudo nos mais jovens, o impedimento de “tomar contato direto com a angústia, o tremor, alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal”.⁴¹ O Papa Francisco, mesmo sem citar explicitamente a cultura digital, acertadamente, abordou o tema dos ambientes que geram a vazios interior em virtude de uma autonomia do ser humano em querer construir uma vida e um mundo sem Deus. Isso, sem dúvidas, pode ser aplicado ao universo digital, a saber:

É verdade que, em alguns lugares, se produziu uma ‘desertificação’ espiritual, fruto do projeto de sociedades que querem construir sem Deus ou que destroem suas raízes cristãs. Lá, ‘o mundo cristão está tornando-se estéril e se esgota como uma terra excessivamente desfrutada que se transforma em poeira’.⁴²

Acerca dos inúmeros obstáculos que a Igreja encontra no processo evangelizador, segundo o Papa Francisco, homens e mulheres precisam buscar nos encontros

³⁷ DC 368

³⁸ “Na interminável produção digital, os analfabetos contemporâneos serão aqueles que não sabem perceber a diferença qualitativa e veritativa dos diversos conteúdos digitais dos quais estão diante”, DC 368.

³⁹ DC 368

⁴⁰ DC 369

⁴¹ LS 47

⁴² EG 86

interpessoais o rosto do próprio Cristo como remédio curativo das suas relações sabendo que, mesmo “recebendo agressões injustas ou ingratidões, porém, não podemos nos cansar jamais de optar pela fraternidade”, pois é ela quem produz marcas de profunda maturidade. Dessa maneira, “a consolidação do individualismo e das interações descompromissadas, baseadas em relacionamentos líquidos, como define Z. Bauman”,⁴³ ajudará na construção dos valores de alteridade, ou seja, de homens e mulheres transfigurados pelo evangelho no qual exige, necessariamente, que cada ser humano perceba que o outro lhe completa.

Um desafio importante é mostrar que a solução nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Isto é o que se verifica hoje quando os crentes procuram esconder-se e livrar-se dos outros, e quando sutilmente escapam de um lugar para outro ou de uma tarefa para outra, sem criar vínculos profundos e estáveis. (...) É um remédio falso que faz adoecer o coração e, às vezes, o corpo.⁴⁴

Diante dos diversos desafios apresentados pela cultura digital, a Igreja, discípula-missionária, jamais cansará de mostrar que a solução para a superação do vazio interior do homem hodierno, marcado pela rejeição do silêncio como *locus* para o encontro com Deus, com o próximo, consigo mesmo e todo o cosmos, está em estabelecer, a partir dos espaços de silêncio, oportunidades para uma comunicação mais humana e frutuosa capaz de construir relações integradoras. Hoje, não dá mais para ignorar que vivemos em um mundo digital em tempo real (*on-line*) onde novas sociabilidades e sensibilidades manifestam grandes transformações nas relações humanas. Portanto, cientes que tais relações estão marcadas pela velocidade, pela lógica do espetáculo e de mercado, necessário se faz descobrir, ou redescobrir, a capacidade de comunicação humana em meio às tecnologias que parecem perder o conteúdo daquilo que se deseja comunicar. Um ponto integrador das relações para uma comunicação autêntica e sem ruídos é o silêncio. Dele, todos os homens e mulheres, marcados pela cultura digital hodierna, precisam como um remédio curativo para o autoconhecimento e o conhecimento do outro. Acerca da necessidade do silêncio como elemento fundamental nas relações, B. Milione destacou:

Como se houvesse cruel maldição sobre a humanidade, condenando-a a mais que ensaios sobre a cegueira, chegando ao achapante selo de mudez para sempre, eis que há um derramar de achômetros e suas perdições acessórias sobre tudo o que possa, para o Bem e para o Mal, em todas as redes sociais. São opiniões que nada explicam e ideias que vazam para os canais do esquecimento imediato, mas fala-se de tudo, mostra-se opinião para tudo, condena-se tudo o que não seja espelho, em um narcisismo enlouquecido e – oh glória! – chegou-se ao requinte de cada mortal poder montar e divulgar a sua própria rádio e produtora de vídeos. Isso é bom e péssimo ao mesmo tempo. Precisamos de silêncio, daqueles que permitam ouvir o suave bater do coração da pessoa de quem seja vital sentir a proximidade íntima, um silêncio que abre as portas para o mundo dos leves gemidos e das variações da musicalidade da respiração que brinca de vento de relva nas emoções, silêncio que se espria no pedacinho de tempo de um tiquinho só antes do sono que protege e alimenta. Precisamos de silêncio para ouvir o silêncio do outro e entender o porquê silencia! Será que teria optado

⁴³ MORAES, A.; GRIPP, A., Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital, p.150.

⁴⁴ EG 91

por calar-se porque maior seria a dor do manifestar? Quem sabe o silêncio do outro é a catedral em que se refugia para orar?⁴⁵

Ora, não desconhecemos nem ignoramos que o silêncio é parte integrante da comunicação, afinal, sem o silêncio não há palavras densas de conteúdo. Um dos maiores desafios é responder se há um lugar para Deus no *digital* e qual seria a sua imagem nesse lugar.

3. A promoção integral do ser humano

A cultura digital tem uma influência muito grande na vida das pessoas. A sociedade, de modo geral, está imersa dentro desse processo que não tem mais volta. As facilidades são muito grandes, razão pela qual ninguém quer ficar fora da era tecnológica. Afinal, muitos elementos da cultura digital "apresentam-se como fatores de proximidade e de comunhão. Graças a eles, notícias e conhecimentos de toda ordem circulam continuamente por toda a terra, permitindo aos homens seguir muito mais ativamente a vida de hoje.⁴⁶

Por outro lado, a cultura digital pode trazer uma fragmentação da pessoa e da sociedade, promovendo um distanciamento cruel em detrimento da aproximação entre as pessoas. Em muitas circunstâncias, são observados vários sinais de degradação e banalização dos valores humanos e éticos. Diante desse cenário encantador, faz-se necessário uma evangelização dentro da cultura digital a fim de resgatar e reafirmar a importância da dignidade da pessoa humana.

Urge uma ação educativa para o senso crítico, animada pela paixão da verdade, ou uma ação de defesa da liberdade, do respeito à dignidade pessoal, da elevação da autêntica cultura dos povos mediante a recusa firme e corajosa de toda forma de monopolização e de manipulação.⁴⁷

A Igreja, gradativamente, sabe que é urgente caminhar ao lado da tecnologia e não ignora a necessidade de dialogar com os outros meios da cultura digital. A presença da Igreja, dentro deste contexto, não é outro senão evangelizar anunciando a Palavra que transforma e liberta o ser humano das suas prisões. Por esse motivo, a Igreja se faz presente no mundo digital com o objetivo de anunciar o Evangelho que é mais do que um livro, em outras palavras, é o próprio Cristo. Ela, olha para os homens e mulheres em sua totalidade respeitando o seu processo de transformação interior e exterior iluminando-os com a Palavra que se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14).

A Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, ao descrever sobre a dignidade da pessoa humana, afirma que o ser humano foi criado por Deus e, por meio dela, ampliam-se os horizontes, a saber: "Tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo".⁴⁸ Portanto, dentro do contexto da cultura digital, a

⁴⁵ MILIONI, B., Artigo publicado em EU SEM FRONTEIRAS, Precisamos de silêncio!.

⁴⁶ CNBB., Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 139.

⁴⁷ CNBB., Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 141.

⁴⁸ GS 14

ordem de todas as coisas criadas deve estar a serviço do ser humano. Este, por sua vez, possuindo sua dignidade própria, que não pode ser desfacelada por nenhum meio, é criado a imagem e semelhança de Deus. Consoante à Constituição acima citada, a Carta Encíclica *Laudato si'* afirma que todos nós somos herdeiros de dois séculos de ondas enormes que sofrem inúmeras mudanças. Dentre elas, destaca-se a revolução digital ou cultura digital. “A ciência e a tecnologia são um produto estupendo da criatividade humana que Deus nos deu”.⁴⁹

A cultura urbana está fortemente marcada pela cultura digital e, por isso, mostra-se importante que tenhamos o conhecimento de tal cultura em benefício da evangelização. A grande questão consiste em utilizá-la como ferramenta que favoreça o ser humano no encontro com Deus, consigo, com o próximo e com toda a criação. Estar presente na cultura digital implica abandonar o espaço de coadjuvante para exercer um protagonismo renovador no anúncio do Evangelho que causa impacto.

Como podemos ser uma presença ativa e efetiva na cultura digital? Elencamos alguns aspectos dessa presença marcante e transformadora, mas ao mesmo tempo ressaltamos que não são as únicas, pois o processo de transformação do ser humano é uma construção contínua e, por isso, nunca está encerrado, sobretudo, inserido na cultura digital que é dinâmica e sofre alterações ininterruptamente.

O primeiro corresponde à saída de um processo individual para ser inserido em uma comunidade eclesial, lugar no qual a experiência de Deus manifesta-se na comunhão e na partilha da convivência. Esse processo pode ser doloroso, pois no mundo digital busca-se, muitas vezes, o individualismo que gera egoísmo. Ao sair desse processo para uma vida comunitária, ressalta-se o aspecto onde mostra que o ser humano não foi criado para viver de forma isolada, mas comunitariamente.

Desse modo, a comunicação em rede transporta o ser humano para longe do seu habitat natural criando uma série de amigos virtuais, cujos laços mostram-se frágeis e “líquidos”, onde a solidão, a depressão e outras doenças são resultados de uma comunicação sem limites. O relacionamento não está somente no campo virtual. Faz-se necessário que as relações interpessoais não sejam colocadas em segundo plano. É importante sentir a presença do outro a fim criar laços de afetividades que nos ajudem a sermos mais humanos.

Outro ponto é a a inculturação na qual o cristianismo, ao longo da sua vasta presença na história, experimentou adaptar-se às culturas para manifestar o rosto de Cristo, afinal, o Filho de Deus também fez a experiência de inculturar-se na história humana. Faz parte da identidade do cristianismo a capacidade de dialogar com variadas culturas. Desse modo, não poderia ser diferente em relação à cultura digital. No entanto, é importante ter sabedoria e discernimento para navegar na rede. Esse aspecto é fundamental, pois, a fim de colocar em evidência o ser humano como sujeito e não como objeto. A presença de Cristo na cultura digital é encantadora, pois coloca a Igreja dentro de uma realidade, cujo processo de inculturação consiste apresentar o Cristo não como um meio, mas como o fim último de toda a humanidade.

Além disso, destaca-se a dimensão é promoção da cultura da paz. Na cultura digital, observamos um espaço virtual onde a violência encontra fácil acesso. Assim, a presença

⁴⁹ LS 102.

da Igreja deve ser uma aquela que testemunha o Cristo que superou o ódio coma sua morte na cruz apar derramar seu shalom que é fruto da sua páscoa. Por isso, a responsabilidade da Igreja na cultura digital é incomensurável, pois promover a paz nesse ambiente requer um testemunho visível da sua presença serena e aberta ao diálogo na sociedade, destacando, portanto o diálogo ecumênico e inter-religioso. Diálogo marcado pelo silêncio e pela escuta. Na escuta solidária, somos capazes de identificar os pontos comuns entre os vários credos, propondo caminhos, cujos encontros refletem a experiência à luz do sagrado que aponta para a valorização da pessoa humana.

O Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, no Diretório para a Catequese, ressalta os pontos que tratam sobre a presença ativa e efetiva da Igreja na cultura digital concernente ao contexto da promoção da dignidade da pessoa humana, a saber:

Cada pessoa, criada a imagem e semelhança de Deus, é única e tem uma dignidade intrínseca e inalienável. Isso tem por fundamento a verdade revelada, que faz emergir os princípios inscritos na natureza humana como um reconhecimento perene e universal do sinal de Deus Criador. No contexto hodierno, urge uma necessidade de um empenho concreto na defesa da vida e da sua dignidade diante das diversas expressões da cultura de morte que se faz cada vez mais presente em vastos setores da sociedade mundial.⁵⁰

Tais pontos revelam-se em constante construção, pois sabemos que, na cultura digital, as mudanças ocorrem com muita frequência. Os pontos que abordam a presença ativa e efetiva da Igreja na cultura digital são fundamentais na perspectiva de uma construção da promoção da dignidade da pessoa humana, conforme declara o Decreto *Inter Merifca*.

O Concílio convida a todos os homens de boa vontade, especialmente aqueles que têm em seu poder estes meios, para que se esforcem por utilizá-los para o bem da sociedade humana, cuja sorte depende cada dia mais do justo emprego. Assim, pois, como outrora nos antigos monumentos de arte, também agora, nas novas invenções deve ser glorificado o nome do Senhor, segundo a palavra do Apóstolo: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para a eternidade! (Hb 13,8).⁵¹

Assim, não desconhecemos que vivemos em tempos desafiadores, contudo, todos os desafios fazem parte da construção do ser humano para que sejam meios que o ajudem a chegar à estatura de Cristo (Ef 4,13). Igualmente em relação à cultura digital, pois ela é para todos os homens e mulheres um desafio na construção da dignidade da pessoa humana.

Conclusão

O Documento de Aparecida enfatiza: “vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural”.⁵² A partir dessa afirmação, observamos uma Igreja que não

⁵⁰ DC 379.

⁵¹ IM 24.

⁵² DAp 44.

está alienada no mundo, mas, presente nele de forma encarnada, sua voz profética, hoje, mostra-nos o pleno cumprimento daquilo que era objeto de sua preocupação: o ser humano marcado pela mudança de época, sobretudo, na era *digital*, lugar que se revela como um vasto oceano no qual “várias arcas”, que nele navegam, desejam transmitir a sua comunicação e preservar, de algum modo a diversidade de suas ideias.

Numa tentativa de construir um mundo sem Deus, vimos, a partir dessa nova era, que a tentativa de abortar o silêncio e a escuta, parte integradora das relações humanas e fundamental para o diálogo, contribuiu para a fragmentação do homem e do seu seio mais natural de convivência: a família, a Igreja e a sociedade como um todo. Conforme nos recorda a *Gaudium et spes*, “nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico”.⁵³ Efetivamente, a humanidade cresceu, evoluiu, mas, nem por isso, se tornou mais humana.

Dessa maneira, vemos que os desafios da cultura digital, sobretudo no âmbito da evangelização, apontam para uma solidariedade humana marcada por um *ethos* que ratifique, sempre, a preservação de valores que olham para o homem e a mulher não como objetos instrumentalizados, mas sejam observados, deveras, como sujeitos protagonistas na transformação do mundo.

Referências bibliográficas

CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Aparecida, 2007. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CNBB. **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2020/06/novo-diretorio-catequese.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

DORIA, P. Como a tecnologia digital pode ajudar no combate ao coronavírus. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/analitico/como-tecnologia-digital-pode-ajudar-no-combate-ao-coronavirus-1-24310939>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si***: sobre o cuidado com a casa comum, 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***: sobre a chamada à

⁵³ GS 4.

santidade no mundo atual, 2018. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit***. 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

GARCIA RUBIO, A. **Unidade na pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Disponível em: <<https://mundonativodigital.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LIBANIO, J. B. **Sempre Jesus: A caminho do novo milênio**. São Paulo: Paulinas, 1998.

MILIONI, B. Precisamos de silêncio!. **Eu em fronteiras**. Disponível em: <<https://www.eusemfronteiras.com.br/precisamos-de-silencio/>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MORAES, A. **Catequese em uma cultura marcada pelo digital: uma possível lição**. In: TEJO, J. D. (Orgs.) Depois da pandemia, que catequese?. Santiago: Ediciones Universidad Finis Terrae, 2020, p. 92-97.

MORAES, ABIMAR.; GRIPP, ANDREIA. Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital. **Fronteiras**. v. 3, n. 1, p. 145-167, jan./jun., 2020.

Eufrázio Luiz Morais da Silva

Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC Rio
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: eufraziolms@gmail.com

Luis Carlos Pereira Santos da Silva

Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC Rio
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: lucarlos.silva@gmail.com

Orivaldo Egídio da Silva

Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC Rio
de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: orivaldocuiaba@yahoo.com.br

Recebido em: 23/08/2023

Aprovado em 10/09/2024